

As “Boas almas” e o outro lado da história

“Good souls” and the other side of history

Nancy Rozenchan*

Resumo: Para o filósofo israelense Avishai Margalit, que escreve sobre a Shoá, há uma ética da memória e a obrigatoriedade de lembrar pessoas e eventos do passado. Para quem a Shoá representa, além do mais, uma referência pessoal, o dever de, ao menos, lembrar, é mais do que óbvio. Não há barreiras estéticas ou éticas que impeçam o confronto com o tema que parece desafiar a nossa capacidade de dar conta do passado. *Anashim tovim*, Boas almas, de Nir Baram [Am Oved, Tel Aviv, 2010], romance que será analisado neste artigo é um dos modelos literários mais recentes e ousados relacionados com a escritura que tem a catástrofe como pano de fundo. Focalizado na Alemanha da Segunda Guerra Mundial, por trás dos eventos da Shoá, o livro abrange igualmente seu universo ficcional expurgos e perseguições soviéticas, conjunção válida por tratar dos dilemas morais gerados por eventos quase concomitantes. A condução do romance indica que sobre as personagens dos dois universos paira o reconhecimento de que cada qual é responsável por suas ações e vida, mesmo ante circunstâncias para as quais não há outras saídas.

Palavras-chave: Nir Baram. *Anashim tovim*. Literatura hebraica. Literatura israelense.

Abstract: For the Israeli philosopher Avishai Margalit, who writes about the Shoah, there is an ethics of memory and obligation to remember people and events of the past. For whom the Shoah is, moreover, a personal reference, the duty of, at least, remembering, is more than obvious. There are no aesthetic or ethical barriers that prevent the confrontation with the theme that seems to defy our ability to cope with the past. *Anashim Tovim* [free translation: "Good Souls"], by Nir Baram [Am Oved, Tel Aviv, 2010], the novel which will be discussed in this communication is one of the most recent and daring literary models that has catastrophe as its background. Focused on Germany in World War II, behind the events of the Shoah, the book also covers in his fictional universe Soviet purges and persecutions, conjunction valid for dealing with moral dilemmas generated by almost simultaneous events. The drive of the novel indicates that over the characters of both universes hangs the recognition that each one is responsible for his actions and life, even when confronting circumstances for which there are no other ways out.

Key-words: Nir Baram. *Anashim tovim*. Hebrew literature. Israeli literature.



Começando pela capa, por si, impressionante. Trata-se do quadro *Eclipse do sol*, de 1926, do pintor e caricaturista alemão/norte-americano George Grosz¹ [Silésia, 1893 – Alemanha, 1959], que, com a ascensão do nazismo, refugiou-se nos Estados Unidos. Mais de duzentas de suas obras, consideradas “arte degenerada”, foram destruídas pelo governo alemão. O quadro se encontra no Heckscher Museum of Art, em Huntington, perto de Nova Iorque. No quadro *Eclipse do Sol* há dois homens, que são as figuras principais, com muitas insígnias e medalhas, – um deles, um militar, tem uma coroa de louros na cabeça, simbolizando uma posição elevada na sociedade; elas também parecem fisicamente maiores do que os demais personagens.

Além dessas, nesse quadro há quatro personagens que parecem relativamente menores e não têm cabeça, usam ternos comuns da época, têm aparência muito sóbria, e anotam o que os dois personagens principais lhes ditam; se não têm cabeças, não formulam perguntas e não pensam em absoluto no que os dois personagens lhes ditam.

No quadro, há objetos como o símbolo do dólar no sol [eclipse do sol], uma espada ensanguentada, uma cruz e armas simbolizando os grandes temas e objetivos da vida social alemã entre as duas guerras mundiais, de onde provém o pintor. No canto direito inferior, ainda, uma caveira, e um rosto indicando susto ou temor, atrás do que parece ser a grade de um calabouço. Há uma expressão de sentimento, mas quem se incomoda com o povo que se encontra preso aos pés dos poderosos?

O asno, no centro, com grandes viseiras quadradas, que não lhe permitem olhar para os lados, simboliza o tema da caminhada como a de um rebanho; diante dele, na manjedoura, ao invés da comida, papéis. Seria o dinheiro que a cada momento se desvalorizava e com o qual o povo não podia se manter?

As identidades aí estão expressas de duas formas: as duas figuras centrais, que representam em posição de destaque autoridades na sociedade, parecem desprovidas de sentimentos; as demais figuras que servem de metáfora para as pessoas comuns indicam impossibilidade de pensar, de se expressar.

Retrato contundente da Alemanha do período pós-Primeira Guerra, o quadro é uma acusação do complexo militar-industrial e do materialismo, com um industrial, um general, e os quatro membros sem cabeça da burguesia, tudo sob um sol que se oculta por um cifrão; para o povo, a masmorra.

Agora, abrindo o livro: eis a tradução das primeiras linhas da obra que irei abordar:

Primeira parte
PREPARATIVOS PARA UM GRANDE FEITO

Berlim, outono de 1938

Pessoas encontram pessoas. A maior parte das histórias é assim. E enquanto não se exala o último suspiro, a sentença da solidão não é definitiva. Vê-se o mundo rebentando de gente, e se é tentado a crer que facilmente será possível aliviar a solidão. Quanto isto é difícil? Uma pessoa se aproxima de outra, ambas se maravilharam com *O crepúsculo dos deuses* e com a última peça de Hauptmann, ambos compraram ações de *Thompson Broken-Heart Solutions* [O coração é a praga do século XX], e já se estabeleceu um pacto. Eis uma ilusão que é benéfica para o estado, para a sociedade, para o mercado. Graças a ela, também os solitários compram roupas, ações, carros, ataviam-se para o baile. (BARAM, 2010, p. 7).²

Tanto o que se tem na capa, como o que se segue nesse primeiro parágrafo, parece totalmente desvinculado das mais de 500 páginas que se seguem desse romance, mas o inverso é o verdadeiro. Multidões, solidão, povo, anseios de grandeza de uma população, ilusões de ser, existir, crescer. Todos são ludibriados, não passam de matéria para a grande máquina dominadora.

Um dos detalhes da derrocada é insinuado pela ópera que maravilhou a todos. Logo de início há menção a *O crepúsculo dos deuses* [*Götterdämmerung*], a ópera de Wagner que encerra o conjunto de quatro obras, as quatro noites do tema de *O anel dos Nibelungos*,³ baseadas em diversas mitologias. A ópera é uma fala pervasiva do fim terrível de quem volta as costas à moral e à ética.

Uma pequena explicação sobre o prólogo dessa ópera. Nessa quarta noite consuma-se a urdidura dos destinos dos deuses e dos homens. Não é por acaso que a ópera se inicia com as predições das Nornas, ou fiandeiras do destino na mitologia escandinava, que representam passado, presente e futuro. Isso

porque o destino domina toda essa última noite do ciclo do Anel. Os fios se embarçam na ponta de uma rocha, rompem-se. E nisso compreende-se que a jornada do deus Wotan em busca do poder, representado pelo Anel, o levará à própria destruição e à destruição do Walhalla com todos os deuses e heróis. O fogo os eliminará.

Estou tratando do romance israelense *Anashim tovim*, de Nir Baram (Tel Aviv, Editora Am Oved, 2010). É o quarto livro desse escritor bem-sucedido, nascido em Jerusalém em 1976. Traduzi o título para *Boas almas*. Poderia igualmente ser “Boas pessoas”, “Boas criaturas”. As menções à capa e à ópera podem ajudar no entendimento dos caminhos da obra.

Duas tramas paralelas, uma na Alemanha e a outra na Rússia, construídas em capítulos distintos e alternados, são desenvolvidas no livro que traz dois regimes obscuros. A primeira das tramas tem início na Alemanha, na Noite dos Cristais – pogroms de 9 de novembro de 1938, em reação ao atentado [7/11] e morte [9/11] do diplomata alemão Ernst Eduard Vom Rath, em Paris, pelo jovem judeu Herschel Grynszpan, originário da Polônia.

O romance começa menos de um ano antes de ser assinado o pacto de não agressão Ribbentrop – Molotov (31/3/1939), quando Alemanha e Rússia estavam acionando com toda a potência os mecanismos de opressão interiores deles e se preparavam para um confronto entre si quando surpreenderam o mundo assinando um acordo militar.

O cinismo e o relacionamento obscuro que acompanharam esse pacto se estendem como uma nuvem sobre todo o romance. O cinismo que se encontrava no ar penetrou nos ossos de pessoas que quiseram muito ser ‘boas pessoas’, mas que se adaptaram à escuridão que havia ao seu redor.

O personagem alemão do romance é o berlinense Thomas Heiselberg, publicitário talentoso, que pode manipular lealdades e máscaras diferentes, determinado a alcançar a grandeza. Para chegar a isso, tendo perdido o emprego em uma empresa norte-americana onde desenvolvera o conceito da “Psicologia alemã de compras”, no fundo, um Modelo do Homem Alemão, está disposto a colaborar com o regime nazista que ele não preza. Adapta o seu talento para as necessidades da máquina de guerra nazista porque obedece às exigências do momento.

A segunda história, a contraparte soviética, é da personagem Alexandra “Sasha” Vaisberg, filha de pai judeu soviético, cujos pais e círculo de amigos pertencem ao “grupo de Leningrado”, grupo de poetas e intelectuais considerado subversivo que se opõe ao regime de Stalin. O destino do grupo está selado, eles serão alvo de expurgos.

A conduta de vida de ambos apresenta alguma simetria. O mundo de Thomas e Sasha é destruído. No caso dele, é por causa da saída da Alemanha dos americanos seus empregadores, da morte da mãe por velhice e doença ou pelo horror do ataque na “Kristallnacht”, por não mais poder contar com o apoio da analista judia; no caso de Sacha, devido à prisão de seus pais “traidores”, por eles serem enviados para a Sibéria e pela separação dos irmãos gêmeos adolescentes, transferidos para reeducação pelo governo soviético, e também a frustração de não se sobressair como poetisa. Thomas e Sasha ficam desnudos dos personagens que os protegiam, ambos estão perdidos e irão se apegar à primeira tábua de salvação que surgir em seu caminho. Cada um deles tentará abrir o caminho de volta para o topo, ligando-se aos novos governantes. Thomas necessita disso para salvar o seu ego, e Sacha anseia por uma boia que interromperá o seu declínio para as profundezas da depressão.

Thomas é convocado pelo Ministério das Relações Exteriores nazista, onde ele adapta modelos de pesquisa de mercado para decodificar nações estrangeiras – em primeiro lugar os poloneses – para as necessidades do regime. O que antes era bom para identificar o potencial de vendas, agora serve como

um meio de controlar os grupos étnicos subjugados aos nazistas. Poloneses são a meta, os judeus é que serão afetados de forma negativa. Algumas poucas cenas espalhadas pelo livro, de grande grau de violência, são suficientes para indicar ao leitor que, por trás das duas tramas, desenrola-se a história do extermínio dos judeus. Enquanto servia em Varsóvia, para onde ele se transfere, brota em Thomas uma sensação de grandeza que vai cegá-lo ao longo do tempo. A autocegueira pavimenta o seu caminho para o abismo e daqui o reconhecimento do dano causado por seu plano aos judeus, contra os quais nada sentia em particular. O remorso de quem foi ajudado pelos judeus que proporcionaram caminhos em seu comportamento adulto, deteriora a sua lucidez.

Sasha, solitária, é recolhida pelo amado da juventude que acumula poder no mecanismo soviético. Ele insta com ela para que se torne uma “nova pessoa”, única chance de sobreviver. Com a ajuda do inimigo amargo de seus pais, ela escapa de destino siberiano e caminha para um futuro ainda mais terrível. Recrutada pela NKVD, ela age para punir o círculo social da família. Torna-se uma investigadora obstinada em obter dos seus investigados – eles próprios membros do grupo de Leningrado – a história dos seus pretensos crimes. Na sequência das atividades dela, muitas pessoas são enviadas para *gulags* ou a morte. Como Thomas, que quer salvar ao menos a sua analista judia, ela ansiava por salvar almas – os irmãos gêmeos. Mas, como Thomas, ela entende muito pouco e muito tarde a magnitude dos desastres dos quais ambos são agentes diretos. O suplício de *O crepúsculo dos deuses* será o seu destino.

Depois que ambos começam a perder a sua grandeza, o destino os leva a se encontrar, promovendo uma reunião entre as duas potências, Alemanha e Rússia, voltada a escalões menores, para organizar uma pretensa parada militar conjunta, que ambos consideram ser capaz de afastar o perigo iminente da invasão da Rússia pela Alemanha. Ainda que tenham pouca esperança de poder realizar o desfile e até duvidarem de sua eficácia, movidos por ponto de vista de autoengano que lhes é característico, em alguns de seus momentos de entusiasmo se consideram capazes de ser os promotores da paz. Todavia, essa reunião os confronta com questões de que tinham tentado escapar até então. Thomas, superficial, interessa-se pelos resultados e ascensão em sua posição de poder. Sua estrutura não lhe basta; no extremo de cada situação, perde-se no pânico que não consegue dominar, para cujas crises, anteriormente, tivera à disposição a analista judia agora deportada para um campo de concentração. Alexandra, por sua vez, está convencida de não ter um desejo genuíno de viver. Por outro lado, ela julga, sem pestanejar, o destino de muitas pessoas. Toda a essência de permanecer no organismo, que destruiu a sua família e o círculo mais próximo dela, é o desejo de encontrar os irmãos que foram levados. A última cena do livro transcorre quando do início da operação *Barbarossa*, 22 de junho de 1941, quando a Alemanha invade a Rússia.

Thomas e Sasha são pessoas razoáveis que foram desgastadas nas rodas dentadas do regime; ambos têm pontos de partida semelhantes e, como pessoas comuns, tornaram-se parte da grande máquina.

Em algum outro período se poderia dizer que a vida os conduziu para cá e para lá. Aqui não foi a vida que os conduziu, mas os que direcionam a vida dos outros. As mesmas rodas dentadas governamentais é que estabeleceram a vida deles, e no final até os fez se encontrarem.

Ainda assim, dentro dessa máquina condutora, aceitaram ser acionados ou colaboraram com isso. Eram duas pessoas que precisaram dar respostas para si mesmas. Que precisaram dar um grau de importância para as pequenas funções de que foram encarregados, acreditar que os seus atos tinham importância. A justificativa para as crueldades que causaram, de forma direta e indireta, foi insuflar em si próprios alguns momentos de sentimentos de grandeza.

O fato praticamente excepcional e inédito desse livro é ele ser ambientado na Europa e tratar de assuntos europeus, desvinculados de temáticas judaicas que somente aparecem em rápidos flashes, e ter por autor um israelense, filho de israelenses, sem nenhuma vivência direta com o que é narrado.

A ficção de Baram nesse romance está totalmente envolta nos acontecimentos históricos daquele período de dois anos. Baram desenvolveu a estrutura narrativa baseada na realidade da Europa diante do vulcão da Segunda Guerra Mundial, mas anterior ao extermínio amplo perpetrado pelos nazistas a partir de 1941.

Por força mesmo dos caminhos da produção literária israelense ou outras, costumamos nos referir aos eventos da Shoá; entretanto, praticamente não abordamos o mal radical da época em escopo político e geográfico mais extenso e nem o povo que o perpetrrou.

Avishai Margalit, filósofo israelense, das Universidades de Jerusalém e de Princeton, ao abordar em um dos seus livros⁴ dilemas morais no entorno da Segunda Guerra Mundial, a partir dos acordos políticos da época, se detém no assunto do mal radical que, de acordo com ele, significa “não só praticar o mal, mas tentar erradicar a própria ideia de moralidade, ao rejeitar de forma ativa a premissa de que a moralidade está baseada em nossa humanidade compartilhada”. O pior de Stalin não chegaria aos pés do pior de Hitler, porque o mal de Hitler era radical e minou a própria moralidade. Até junho de 1941, o regime de Stalin tinha torturado e matado muito mais gente do que o de Hitler. A fome por causas políticas de 1932-1933 na Rússia tinha, só ela, causado a morte de cerca de seis milhões de pessoas. Os grandes expurgos stalinistas de 1937-1938 liquidaram cerca de 700 mil pessoas. Margalit cita que, até o início da guerra, a Gestapo tinha cerca de oito mil torturadores enquanto a NKVD, o instrumento de opressão russa, tinha cerca de 350 mil torturadores. Margalit frisa que mesmo o regime stalinista sendo baseado em crueldade e humilhação, ele teve por trás de si a ideologia leninista que continha elementos morais que faltavam ao nazismo. Este estabeleceu as máquinas de morte em massa dos judeus, e jamais houve crime maior contra a humanidade.

Baram traz um alemão como opositor passivo do governo. Não se trata de um nazista clássico, mas de alguém que entende que não sobreviverá se preferir o seu bem pessoal ao bem coletivo. Sasha, por sua vez, delineia um alibi em seus pensamentos e explica por que é preferível abaixar a cabeça e adormecer as dúvidas em vez de contá-las aos outros, quão próximos sejam eles: “Na hora da necessidade, os ingênuos voltam-se para a ajuda dos amigos, enquanto os inteligentes, que entendem alguma coisa da vida deste país, voltam-se ao reinado do sono. Ali os seus segredos são preservados.” (p. 258). Reinado do sono significa alinhar-se com a ideologia dominante e evitar estabelecer qualquer laço que desperte o urso ameaçador de sua hibernação.

Baram apôs ao alemão, enfim – nazista, uma judia russa comunista. Mesmo não sendo pessoas violentas e serem até antibelicosas, fazem parte do mal, radical ou não. Não se pode deixar de considerar qual é a diferença entre os alemães que colaboraram com os nazistas e os russos judeus que colaboraram com o regime de Stalin.

Em entrevistas e em um texto que ele escreveu a respeito de *As benevolentes*, de Jonathan Littel, Baram frisa quanto uma das figuras de destaque do Reich, Albert Speer, o arquiteto pessoal de Hitler, o marcou no estudo sobre a época, e também na escrita de *Boas almas*:

A normatividade de Speer simboliza uma camada gigantesca de pessoas que vincularam o seu destino ao horror do nazismo. São elas que possibilitaram à perversão penetrar no centro. Por meio de um Speer bem equilibrado, bom vizinho, que não está preso a uma prensa ideológica, a visões de um passado nacionalista e crenças antisemitas, podemos receber uma espécie de chave

secreta que nos esclarece como uma pessoa que se parece conosco faz estas coisas e, principalmente, como o seu mecanismo espiritual organiza os seus atos em um contexto lógico (BARAM, 2009).⁵

Depois que li a sua autobiografia, seu personagem me fascinou. Ele era o filho de arquitetos destinado a satisfazer as expectativas de seu pai. Ele não era um ideólogo nazista e nem um parceiro de loucura racial de Himmler. Mas, como muitos alemães, ele permitiu que a perversão penetrasse no centro. Este homem foi vinculado ao sistema nazista numa encruzilhada deprimente de sua vida profissional. Começou com pequenas coisas: a restauração do escritório de Hitler, o Ministério da Propaganda, de Goebbels. Seu primeiro grande projeto foi o planejamento do comício em Nuremberg, em 1934, incluindo os efeitos de luz criados por 150 refletores voltados para o céu.

Lentamente ele se tornou alguém muito importante no mecanismo nazista sendo que atinge o auge com a sua nomeação para Ministro do Armamento. Mesmo tendo estado envolvido na expulsão dos judeus de Berlim, e tendo, como Ministro do Armamento, exigido mais e mais pessoas para trabalhos forçados, depois de sua libertação da prisão, ele disse que tinha tido a sensação de que tinham sido feitas coisas, mas não tinha conhecimento delas. Ele contou para si mesmo uma história que é um autoengano (BARAM, 2010).⁶

Para Baram, a reação de Speers foi típica de uma ampla camada de alemães que nunca tinham visto um campo de extermínio, mas tinham plena consciência do horror nazista. E foi sobre isto que ele quis escrever: analisar a matriz da mente dos alemães, acostumados ao normal, permitindo-lhes continuar a viver apesar do conhecimento. "Por muitos anos", disse Baram, "eu quis escrever a respeito, mas senti que não tinha coragem suficiente para fazê-lo." O contraponto russo desenvolvido no romance serve para indicar que o mal, mesmo que em dimensões diferentes, pode ter modelos desenvolvidos em qualquer parte, porque sempre haverá quem esteja disposto a servi-lo.

Thomas e Sasha eram ambos rebeldes e oportunistas. Ambos foram pessoas que se tornaram um parafuso em duas máquinas de matar sofisticadas – alemã e soviética – servindo de algozes voluntários, cujo enigma muitos já tentaram decifrar sob vários pontos de vista antes de Baram. Thomas e Sasha levaram centenas, talvez milhares de pessoas para suas mortes, sendo que eles próprios – aos seus próprios olhos – ainda eram "boas almas", pessoas comuns que se rebelaram contra a morte e violência em outros eventos, pessoas cujas mãos não se sujaram realmente com a morte física, mas foram responsáveis por este ou aquele papel que moveram daqui para lá e induziram um processo cujo final é conhecido. Será possível chamá-los de "bons" porque talvez não se identificaram com os objetivos ideológicos cem por cento? Serão eles "bons" porque representaram apenas um papel pequeno e marginal no mecanismo de grande porte?

* **Nancy Rozenchan** é professora associada (aposentada) de língua e literatura hebraica da FFLCH da Universidade de São Paulo e tradutora de literatura hebraica

Notas

- ¹ GROSZ, George. *Eclipse of the Sun* [Eclipse do sol]. Heckscher Museum of Art, Huntington. 1926. Disponível em: http://www.heckscher.org/pages.php?which_page=collection_george_grosz. Acesso em: 7 maio 2011.
- ² BARAM, Nir. *Anashim tovim*. [Boas almas]. Tel Aviv: Am Oved, 2010. Todas as traduções são de minha autoria.
- ³ As quatro óperas que compõem o ciclo O anel dos Nibelungos são: *O ouro do Reno*, *A Valquíria*, *Siegfried* e *O crepúsculo dos deuses*.
- ⁴ MARGALIT, Avishai. *On Compromise and Rotten Compromises*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2009.
- ⁵ BARAM, Nir. “Miflatsti ze davar gamish” [Monstruoso é algo maleável]. *Yediot Aharonot*, 20/04/2009. Disponível em: <http://www.ynet.co.il/articles/0,7340,L-3702020,00.html>. Acesso em: 5 maio 2011.
- ⁶ BEN-SIMHON, Kobi. “Haroman haeiropi hechadash shel nir baram” [O novo romance europeu de Nir Baram]. *Haaretz*. 24/3/2010. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/hasite/spages/1157315.html>. Acesso em: 6 maio 2011.

Referências

- BARAM, Nir. “Miflatsti ze davar gamish” [Monstruoso é algo maleável]. *Yediot Aharonot*, 20/4/2009. Disponível em <http://www.ynet.co.il/articles/0,7340,L-3702020,00.html>. Acesso em: 5 maio 2011.
- BARAM, Nir. *Anashim tovim*. [Boas almas]. Tel Aviv: Am Oved, 2010.
- BEN-SIMHON, Kobi. “Haroman haeiropi hechadash shel nir baram” [O novo romance europeu de Nir Baram]. *Haaretz*. 24/3/2010. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/hasite/spages/1157315.html>. Acesso em: 06 maio 2011
- GROSZ, George. *Eclipse of the Sun* [Eclipse do sol]. Heckscher Museum of Art, Huntington. 1926. Disponível em http://www.heckscher.org/pages.php?which_page=collection_george_grosz. Acesso em: 7 maio 2011.
- MARGALIT, Avishai. *On Compromise and Rotten Compromises*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2009.